Aula
8

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DOIS CONCEITOS COMPLEMENTARES

META

Definir os termos letramento e alfabetização

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
estar apto para discutir sobre o significado de se alfabetizar letrando

PRERREQUISITOS

Para que o estudante seja bem-sucedido na leitura desta aula, é importante que domine com propriedade os conteúdos abordados nas aulas anteriores.

Segundo Soares (1998) letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como conseqüência de ter-se apropriado da escrita.
(Fontes: http://2.bp.blogspot.com).

INTRODUÇÃO

Até o momento discutimos sobre os vários aspectos teóricos que envolvem a alfabetização: a escrita como código de representação gráfica, como representação. Discutimos ainda sobre esse objeto, numa perspectiva linguística. E, nesse percurso, introduzimos o debate acerca da escrita espontânea, em busca dos indícios de escrita, na medida em que o aprendiz constrói o seu conhecimento sobre a escrita. Para esta aula, então, reservamos o exame sobre dois conceitos muito em voga, quais sejam: alfabetização e letramento. À luz dos ensinamentos de Soares (1998), faremos uma abordagem sobre esse tema. E, por essa discussão incluir vários assuntos já abordados anteriormente, faremos uma revisão da distinção entre ler e escrever. Refletiremos ainda por que o termo letramento surgiu em nossa língua; como avaliar o indivíduo como letrado. Questionamos, então, quais os parâmetros para se estabelecer o letramento de determinados indivíduos.

Uma criança aprendendo a escrever.
(Fontes: http://2.bp.blogspot.com).

LETRAMENTO

Soares (1998) atribui a Kato (No Mundo da Escrita) a inauguração do termo letramento. Para aquela autora, esse termo surgiu da versão para o Português da palavra inglesa literacy. Esta, por sua vez, é assim conceituada por ela: "[...] condição de ser letrado" (1998, p. 35).

E, à luz desse conceito, a linguista inicia uma reflexão sobre a inclusão dessa palavra no vocabulário da nossa língua, afirmando que um vocábulo é incorporado a uma língua de acordo com as necessidades linguísticas, sociais e políticas de uma comunidade. Estabelece, então a comparação entre os termos 'alfabetizar-se', 'alfabetizado'. Este, por seu turno, significa apropriar-se da escrita, em seu amplo sentido. Ou seja, ser 'alfabetizado' implica que o indivíduo é capaz de, a partir do domínio da 'tecnologia' da escrita, ler, escrever. Consequentemente, ele é incluído nas práticas sociais de escrita e de leitura. Em outras palavras, ele adentra o mundo letrado.

Ainda de acordo com Soares (1998, p. 18): "O 'estado' ou a 'condição' que o indivíduo ou grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por 'literacy'.

Concluindo esse raciocínio, Soares (1998, p. 18) acrescenta: "Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita" (grifos da autora).

Em contrapartida, essa autora alega que o analfabeto é marginalizado socialmente, uma vez que perde os seus direitos relacionados à constituição de sua própria cidadania. Isso porque, esse indivíduo, na medida em que não tem acesso ao mundo letrado, perde a sua capacidade de se relacionar com os indivíduos letrados. Nesse caminho, ela destaca a existência apenas dos nomes 'alfabetizado' e 'analfabeto', os quais nos bastavam para dar conta da situação acima descrita. Somente recentemente, começamos a nos dar conta de que há aqueles indivíduos que sabem ler e escrever, mas não se apropriam efetivamente da leitura e da escrita. Essa é uma nova realidade que temos enfrentado. Nesse sentido, os termos 'alfabetizado' e 'alfabetização' começam a conotar uma perspectiva reducionista do processo de aquisição da escrita.

A inserção da palavra 'letramento' no nosso vocabulário vem, pois, designar a mudança de estágio de um país. Isso porque já entendemos que o nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas, sobretudo, levar o indivíduo a se apropriar da leitura e da escrita. Se antes havia muitos alunos fora da escola e, por conseguinte, um grande número de analfabetos; hoje, a demanda escolar cresceu. Com efeito, há um grande número

de alunos que dominam a tecnologia da escrita, no entanto, não fazem uso dela eficazmente. Nesse sentido, esses estudantes são alfabetizados, mas não são letrados. Há ainda que se levar em conta os vários programas de alfabetização que objetivavam apenas que o aluno decodificasse a escrita. Ou seja, apenas eram instrumentalizados para assinar o nome quando solicitados, ler instruções do patrão.

Tal distinção, por seu turno, também significa uma mudança de perspectiva em termos de como avaliarmos se um indivíduo é alfabetizado ou analfabeto. Se, antigamente, saber codificar/decodificar o seu próprio nome bastava para ser considerado alfabetizado; hoje a análise sobre o grau de letramento passa pela questão de o indivíduo saber ler e escrever um bilhete simples. Esse critério, entretanto, tem um caráter abstrato e extremo, uma vez que, a partir disso, há de se perguntar o que é um bilhete simples, já que 'simplicidade' envolve, por sua vez, uma série de características em relação à linguagem utilizada, à extensão da escrita, à escolha vocabular, à seleção do tema. Enfim, há muitos aspectos que envolvem a simplicidade da escrita. Com efeito, esse critério de avaliação perpassa fragilidades, daí a confusão em se determinar se um indivíduo é letrado ou não.

Quanto às pesquisas sobre a escrita, nos países desenvolvidos, busca-se o nível de letramento. Isso se justifica porque nesses países todos estão na escola, lugar em que, prioritariamente, adquirimos a escrita. Assim, nesses países: "[...] avaliam o uso que as pessoas fazem da leitura e da escrita, as práticas sociais de leitura e de escrita de que se apropriam" (SOARES, 1998, p. 22). Dessa forma, esses países também apresentam problemas em relação ao letramento, porém em graus diferenciados dos nossos, haja vista a avaliação em relação ao letramento. Podemos, assim, questionar a divulgação de certas pesquisas em relação ao grau de letramento em que se situam os países considerados desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

Além dos aspectos acima abordados, Soares (1998, p. 24) afirma que, a partir da análise do termo letramento, pode-se inferir "[...] que o indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado [atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento]" (grifos da autora). Explica tal antagonismo afirmando que o indivíduo pode ser analfabeto, mas viver em um mundo letrado. E, a partir daí, ouve leituras, dita cartas, solicita a leitura de avisos. Dessa forma, pode ser considerado letrado, pois faz uso da escrita. Esse conceito estende-se também à criança que participa de um mundo letrado, uma vez que está envolvida com a escrita por toda parte. Quanto a esse aspecto, é importante lhe lembrar os exemplos citados na aula anterior em relação a Lia, que começou a 'escrever' com 01 ano.

Soares (1998) procede, então, à distinção entre ler e escrever. Eis as definições utilizadas por essa autora:

> Ler é um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler Grande Sertão Veredas [...] ler é um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo continuum [...] (1998, p. 48) (grifos da autora).
> Escrever é também um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente escrever o próprio nome até escrever uma tese de doutorado [...] assim: escrever é também um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo continuum [...] (1998, p. 48 – 49) (grifos da autora).

Retomamos, então, a questão da avaliação se um indivíduo é ou não letrado. Questionamos, assim, em que ponto do continuum da leitura e da escrita se encontra um indivíduo quando escreve um 'bilhete simples'.

Um outro problema refere-se às condições de letramento a que os indivíduos são submetidos. Ou seja, é importante que ele tenha acesso a uma escola de qualidade, a bibliotecas públicas, à compra de livros. Nessa perspectiva, deparamo-nos com aspectos políticos e sociais do letramento, uma vez que na nossa realidade ainda existe pobreza de toda a sorte, falta de vontade política de se resolverem problemas relacionados à escolarização. Ademais se percebe a escrita (ou a falta dela) como a manutenção de um poder institucionalmente determinado.

Além dos problemas sociais , Soares (1998) elenca também os individuais. Se, por um lado a leitura demanda não só a habilidade de se apropriar de uma tecnologia, mas também de um universo de sentidos, de comparações, de relações; por outro, a escrita implica na capacidade de relacionar sons e letra, de saber se expressar e organizar o pensamento em língua escrita. E, por conta desse número de habilidades e capacidades cognitivas e metacognitivas, é difícil se definir o termo letramento com exatidão. Além disso, observando a variável contínua em relação a esse processo, é com igual dificuldade que se estabelece o grau de letramento de um indivíduo.

CONCLUSÃO

A partir de tais discussões e levando em consideração os debates já desenvolvidos ao longo desse curso, afirmamos a necessidade, então, de se alfabetizar letrando. O que significa isso? Esse termo diz respeito tanto aos aspectos individuais de que falamos como aos sociais, principalmente, no que diz respeito a permitir que o indivíduo se coloque criticamente em relação ao mundo em que vive. É nesse sentido que Geraldi (1993) coloca a questão do dizer; que Abaurre e Mayrink-Sabinson (1997, 2002) enfatizam a necessidade de uma escrita espontânea. Enfim, é a possibilidade de ir além da relação som /letra, ouvindo o que o sujeito tem a dizer, observando as suas idiossincrasias em busca da construção do seu conhecimento. A ilustração abaixo pretende elucidar o que vem a ser alfabetizar letrando:

Nesse sentido, os estudos linguísticos revelam que é importante ultrapassar a perspectiva de codificação e decodificação da escrita, propondo uma articulação dinâmica entre descobrir a escrita e usar a escrita. Como vimos, quando o indivíduo começa a utilizar a escrita com propriedade, ele já pode ser considerado letrado. Nesse sentido, é capaz de se situar socialmente, relacionando-se com outros sujeitos letrados, interferindo nas decisões políticas de seu país. E, por a inclusão no mundo da escrita, numa perspectiva do letramento, implicar em questões políticas, ainda nos deparamos com a dificuldade de alfabetizar letrando.

RESUMO

Nesta aula, nós trouxemos à baila a tão propalada discussão acerca do letramento. E, à luz de Soares (1998), definimos esse termo, assim como retomamos os significado de ler e escrever. Nesse sentido, observamos por que 'letramento' foi incorporado na Língua Portuguesa. Seguindo essa linha de raciocínio, informamos como os censos avaliam o grau de letramento do indivíduo, estabelecendo a comparação com países desenvolvidos. Quanto a essa avaliação, fizemos algumas reflexões sobre o problema de determinar em que continuum da escrita e da leitura se encontra um indivíduo tachado de letrado. Finalmente, colocamos a necessidade de se alfabetizar letrando, a fim de inserir efetivamente o indivíduo no mundo letrado.

ATIVIDADES

1. Explique por que a palavra letramento foi incorporada na Língua Portuguesa.
2. O que caracteriza a inserção desse termo na nossa língua?
3. Discuta sobre o que significa ser "alfabetizado".
4. Explique os problemas: ser alfabetizado, mas não ser letrado; ser letrado, mas não ser alfabetizado.
5. Reflita sobre o problema da avaliação do grau de letramento do indivíduo.
6. O que significa alfabetizar letrando?

AUTOAVALIAÇÃO

1. Como você avalia as condições de letramento na sua prática escolar? Se você ainda não ensina, reflita sobre a sua própria inserção no mundo da escrita.

PRÓXIMA AULA

Continuaremos o nosso debate sobre a escrita e o ser humano. E, como revelamos durante esta aula, enfocaremos o problema social da escrita, observando as relações de poder estabelecidas a partir dela.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S; MAYRINK-SABINSON, M. L. **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas, São Paulo: Mercado Aberto, 1997.
ABAURRE, M. B. M. A aquisição da escrita o português: considerações sobre diferentes perspectivas de análise. in: ROJO, R. (org). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas, São Paulo: Mercado Aberto, 2002. P. 205 – 232.
COTELLO, S. M. G.(FEUSP): **Alfabetização e Letramento: Repensando o Ensino da Língua Escrita**. in: Disponivel <http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>, acessado em 01/02,às 14h 52min
GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
MAYRINK-SABINSON, M. L. Reflexões sobre o processo de aquisição da escrita. in: ROJO, R. (org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas, São Paulo: Mercado Aberto, 2002. 87 – 120.
SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1998.